

REVISÃO DOS ALGUNS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA LITERATURA COMPARADA CRÍTICA E PROPOSTA

Philippe Willemart

1. "Flaubert: Ruminer Hérodias (Du cognitif-visuel au verbal-textuel)". Almuth Grésillon, Jean-Louis Lebrave e Catherine Fuchs (ITEM-CNRS). *L'écriture et ses doubles. Genèse et variance textuelle*. Editeurs Ferrer Daniel, Lebrave Jean-Louis. Paris: éd. du CNRS, 1991.

Em um artigo recente,¹ três lingüistas, Almuth Grésillon, Jean-Louis Lebrave e Catherine Fuchs analisam os rascunhos do início do conto "Herodías" de Flaubert. Nas anotações de trabalho e nos cadernos de viagens, reencontram trechos copiados do historiador judeu Flavius Josêphe do século I e de geógrafos-viajantes inglês e francês Tristram e Parent do século XIX. Pacientemente, eles seguem as transformações lingüísticas, sintáticas e textuais destes empréstimos nos rascunhos da narrativa que retratam a sua maneira os choques entre Antípas, sua mulher Herodías e profeta João-Batista, chamado Iaokanam.

Trabalho ao mesmo tempo extremamente interessante por seu rigor metódico e inteiramente exemplar pelos estudos de gênese porque descobre o lento caminho da criação em Flaubert. De um ponto de vista técnico, os autores reencontram as fontes objetivas (e insisto nesta grande vantagem dos estudos de gênese que tem por matéria um objeto científico palpável) de um texto literário em textos de um historiador ou de viajantes. Sua leitura se aproxima fortemente da crítica das fontes e da literatura comparada porque estabelece ligações entre dois textos. Se nossos colegas comparatistas se entregam ou se entregavam à miragem das fontes denunciada por Blanchot,² ou, mais modernos, procuram influências ou marcas da literatura francesa nas literaturas sul-americanas, ou se, mais avançados ainda e seguindo Kristeva, eles estudam o intertexto, os três

2. BLANCHOT, Maurice. *Lautréamont et Sade*. Paris: éd. de Minuit, 1949.

lingüistas citados os seguem de bem perto falando de *enxerto* do texto-fonte sobre o texto flaubertiano.

Seguindo Wellek,³ mas sob um outro enfoque, gostaria de denunciar neste texto, a partir deste pequeno exemplo, o que a crítica genética arisca em retomar o mito, ou melhor, a ideologia, que fundamenta os estudos comparatistas e propor um ou uma outra, é difícil escapar a essa coação, mais adaptada a nosso fim de século.

Sem sabê-lo claramente, alguns comparatistas brasileiros da nova geração,⁴ se inspiram desta nova teoria oriunda de críticos alemães e de físicos, defensores da instabilidade.

Em um encontro entre estudiosos de gênese do texto literário em Bellagio em 1988, sustentava “que havia um deslocamento do registro geográfico para o da ficção”, nessa passagem do texto copiado do viajante Parent ao texto literário, deslocamento que provocava “a vinda à existência brilhante na constelação flaubertiano” de um texto original.⁵ Wellek falava “de hiato ontológico”.⁶

O conceito de passagem de um registro para um outro, é de longe mais promissor do que o de enxerto. Este último, com efeito, subentende a continuação de um texto ao outro, tenta traçar laços de toda espécie entre o elemento copiado e o texto literário e procura reencontrar a origem, ver uma paternidade. É a tentativa de responder à pergunta “De onde viemos?” O enxerto decorre de uma concepção darwiniana mal entendida, já visível em Hesíodo em que os deuses nascem um do outro, *De Caos, Érebo e Noite negra nasceram. De Noite aliás Éter e Dia nasceram.*⁷ Mas esse conceito de enxerto toca também (quero dizer, está próximo de, mas não decorre dele) à teoria da criação na qual, segundo Agostinho de Hipone, as origens são contidas na palavra condensada de Deus que, se desenrolando como uma fita no tempo, cria; teoria que coincide com a do bigbangue dos astrofísicos antes de Prigogine. Enfim, esse conceito, como o da evolução supõe uma intenção criadora, um fio condutor ou uma causa final que dirige o percurso.

Os defensores do conceito de passagem de um registro para um outro poderiam invocar Baudelaire: “Manipular sabiamente uma língua, é praticar uma espécie de feitiçaria evocadora”,⁸ feitiçaria que força o escritor a entrar no registro do fantástico, mas seria da nossa parte, cair também no evolucionismo literário.

Paul Ricoeur refletindo à problemática do tempo e retomando Käte Hamburger, escreve : “Uma barreira intransponível separa o discurso assertivo, falando da realidade, da narrativa de ficção. Uma lógica diferente [...], resulta deste corte. Esta diferença resulta inteiramente do fato que a ficção substitui a origem-eu do discurso assertivo, que é ela-mesma real, pela origem-eu das personagens da

3. WELLEK, René. *Conceitos de crítica*. São Paulo: Cultrix, (1959-s/d.), pp. 244-255 (*Concepts of criticism*. New Haven: Yale U. P. S. – G. Nichols, Jr. – 1963).

4. Entre outros: PINHEIRO PASSOS, Gilberto. “O diálogo machadiano com Molière e Voltaire em *Memórias póstumas de Brás Cubas*”. *Parcours/Percursos. Brasil-França: Percursos literários*. São Paulo: Centro de Estudos Franceses-Universidade de São Paulo, 1992. 1. p. 29.

5. WILLEMART. “Une prise d’histoire dans le manuscrit”. *Sur la génétique textuelle*. Amsterdam: Rodopi, 1990, pp. 92 et 93.

6. WELLEK. op. cit, p. 253.

7. HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo, Massao Ohno-Roswirtha Kempf, 1981, p. 132.

8. BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres complètes*. Théophile Gautier (org.). Paris: Seuil, 1970, p. 464.

9. Une infranchissable barrière sépare le discours assertif, portant sur la réalité, du récit de fiction. Une logique différente, [...] résulte de cette coupure. Cette différence résulte tout entière de ce que la fiction remplace l'origine-je du discours assertif, qui est elle-même réelle, par l'origine-je des personnages de la fiction. RICOEUR, Paul. "La configuration du temps dans le récit de fiction". *Temps et récit III*. Paris: Seuil, 1984. p. 98.

10. Le travail de pensée à l'oeuvre en toute configuration narrative s'achève dans un refiguration de l'expérience temporelle. RICOEUR, Paul. *Temps et récit III. Le temps raconté*. Paris: Seuil, 1985. p. 9.

11. WEINRICH, Harald. *Le Temps*. Paris: Seuil, 1973.

12. HAMBURGUER, Käte. *Die Logik der Dichtung*, Stuttgart: Ernst Klett Verlag, 1957 (2^{ème} éd.) trad. franç. *Logique des genres littéraires*. Paris: Seuil, 1986.

13. Jacques Monod avança os conceitos de acaso e de necessidade que causam uma grande perplexidade entre os filósofos e pesquisadores. *Le Hasard et la nécessité*. Paris: Seuil, 1970.

14. Em 1979, Ilya Prigogine e Isabelle Stengers publicam na Gallimard a história da ciência moderna e contemporânea, reeditada em edição de bolso desde 1986, com uma nova introdução e dois apêndices. Anunciam uma teoria da física que leva em conta o porvir, ou a irreversibilidade dos fenômenos e retoma a teoria das estruturas dissipativas que resultam em fenômenos de auto-organização se produzindo longe do equilíbrio, descoberta que valeu o prêmio Nobel a Ilya Prigogine em 1977: "Au-delà d'un point critique qui marque l'instabilité des états stationnaires analogues à l'état d'équilibre, apparaissait le domaine des 'structures dissi-

ficção".⁹ Não há portanto ligações intrínsecas entre o discurso assertivo e a narrativa da ficção; as fontes não cabem aqui; traçar um caminho entre a realidade e a narrativa, aqui entre o discurso histórico ou geográfico e o discurso literário, e, por extensão de uma literatura a uma outra, trará considerações pouco válidas e pouco enriquecedoras. Dissertando sobre o tempo, mas podemos sem dúvida o aplicar a nosso propósito, o filósofo francês usa o termo de *refiguração* para caracterizar essa diferença.¹⁰ Quem diga refiguração, mudança de registro ou de lógica, nega, de uma certa maneira, a evolução entre a realidade e a ficção, entre o discurso de um viajante e o discurso narrativo. Poderiam objetar que comparar o relatório de um viajante com o manuscrito de Flaubert não é a mesma coisa do que por lado a lado um texto de literatura francesa e um outro de literatura brasileira, já que esses textos pertencem ambos à ficção.

Retomarei um outro autor alemão, Harald Weinrich que distingue o mundo narrado do mundo comentado,¹¹ para afirmar que desde que comentamos um texto narrado, por exemplo, um texto de literatura francesa, desde que Machado de Assis se apropria de Voltaire ou Stendhal ou que Flaubert copia um texto de um historiador, o mundo narrado muda de registro e pertence ao comentado porque se exerce nele uma tensão e uma ação.

Ignorando isso provavelmente, mas essas idéias circulavam, Käte Hamburger¹² e Harald Weinrich reencontravam as reflexões de vários homens de ciências, Jacques Monod,¹³ Ilya Prigogine e Isabelle Stengers,¹⁴ James Lighthill¹⁵ entre outros, para quem a teoria da evolução não explicava suficientemente a origem e a existência de certos fenômenos não clássicos.

Em 1988, Prigogine e Stengers alargam as perspectivas abertas pelo livro anterior em *Entre le temps et l'éternité*. Lembram a importante noção de região do espaço das fases. No decorrer das transformações que sofre um fenômeno, as trajetórias diversas que o compõem, se encontram em uma região, se desintegram e reencontram seu menor elemento, o ponto; esses se reúnem seguindo critérios desconhecidos e criam assim novas trajetórias imprevistas.¹⁶

Por outro lado, pesquisas recentes sobre a percepção visual minimizam a contribuição exterior em relação ao trabalho interno do cérebro¹⁷ e conseqüentemente relativiza sem dúvida a importância do que vemos ou lemos efetivamente e diminui a diferença entre o objeto real e o virtual, aqui, entre o texto lido e a composição de um novo texto. A partir de um elemento exterior, a auto-organização entra em jogo e facilita uma cooperação global espontânea. A visão do mar Morto a partir do Sena vista de Croisset, por exemplo, que teria sugerido a Flaubert o que via sua personagem Antípas do alto de seu

castelo no primeiro capítulo do conto, está contextualizada historicamente e não exige necessariamente a ré-presentação de uma cena do século primeiro; a descrição pode ser nova e original, mesmo recuperando a viagem no Oriente, as fotos do explorador Vignes ou outras leituras anteriores.

Depois desse longo comentário, talvez entendamos um pouco melhor as relações entre Käte Hamburger, Harald Weinrich e Ilya Prigogine. Os dois primeiros falam de mudança de registro e o terceiro de região instável na qual tudo se transforma sob o efeito da auto-organização.

O manuscrito de nossas literaturas, escrito em línguas faladas no Cone Sul e nas Caraíbas, pode ser comparado à região na qual os parágrafos, as frases, as palavras, as formas de estilo, e as citações de outros textos da literatura universal, retomadas explicitamente ou não, perdem seu equilíbrio e se dissolvem na sua forma, significação ou sentido, para se tornar outros, seguindo os vai-e-vem da escritura e as imposições do autor. Não há enxerto, milagre ou acaso, mas uma auto-organização ou uma redefinição geral que embaralharia as pistas, se não tivermos o manuscrito como testemunha.

Enxerto supõe um estado anterior a partir do qual se constrói um novo estado, é inserir uma planta em uma outra para multiplicar ou criar uma nova espécie. Em nosso caso, seria retomar uma tradição ou um texto, o de Tristram, de Flaubert ou de Voltaire pour vivificar o novo texto. Teria continuação ou evolução do primeiro ao segundo.

Nós opusemos a esta concepção que supõe uma identidade entre o mundo dos geógrafos e o mundo da ficção, ou, entre o mundo comentado e o mundo narrado e uma possível evolução de um para um outro. Não é nos submeter ainda ao dogma científico reinante do evolucionismo, mas com um leve atraso, que de emprestar este termo, o enxerto, à botânica ou à medicina que trabalham nesses casos em zonas estáveis de equilíbrio?

Sustentamos, pelo contrário, seguindo Käte Hamburger e os pesquisadores citados acima, que a passagem de uma lógica a uma outra, ou de uma região a uma outra, provoca, uma transmutação que pode ser vista de duas maneiras. Ou, apoiamos a tese bíblica do *ex-nihilo* da mãe dos Macabéus que supõe uma destruição inicial, Deus cria o homem a partir do nada; tese retomada por Lacan quando fala dos artistas. Ou, matizamos a tese bíblica porque mergulhamos o objeto antigo na região de Prigogine admitindo assim uma destruição ou uma pulverização das trajetórias ou dos textos iniciais; trajetórias que se reconstituem em outras regiões ou outros textos ao mesmo tempo no cérebro do escritor e no seu manuscrito. As ciências

patives'". PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle. *La nouvelle alliance*. Paris: Gallimard, 1986, p. 12. Assim, rejeitavam a tese de Monod "sobre a oposição entre acaso e necessidade e centralizavam suas reflexões ao redor dos temas da estabilidade e da instabilidade que doravante descreverão o mundo", *ibid.*, p. 14.

15. Em 1986, Sir James Lighthill, presidente da União Internacional dos especialistas em mecânica teórica e aplicada, "apresentava suas desculpas por ter induzido em erro o público culto, espalhando idéias, que se revelaram incorretas depois de 1960, a propósito do determinismo dos sistemas que satisfazem às leis newtonianas do movimento". *Id. ibid.*, p. 94.

16. "Esta situação lembra aquela que prevalece no estudo dos fenômenos meteorológicos: detalhes insignificantes, que escapam à observação, podem, num futuro próximo, desempenhar um papel significativo. [...] Pode ser o bater das asas de uma borboleta ou o espírito de um habitante de Madagascar. *Id. ibid.*, pp. 102-103. O efeito borboleta foi citado pela primeira vez pelo meteorologista Edward Lorenz na sua conferência "Predictability: Does the Flap of a butterfly's Wings in Brazil Set Off a Tornado in Texas?" na Sociedade Americana para o Progresso da Ciência em Washington, dia 29 de dezembro de 1979. GLEICK, James. *Caos*. São Paulo: ed. Campus, (1987) 1990, p. 29.

17. "O influxo que o cérebro recebe do olho provoca uma atividade surgindo do córtex ainda mais importante [...] 80% de tudo o que uma célula do corpo joelhado lateral vê passar vem da densa rede que a liga ao cérebro e não tanto da retina." VARELLA, Francisco J. *Connaître*. Paris: Seuil, 1989, pp. 74-75

cognitivas e a crítica genética se cruzam aqui. Nem a evolução, nem o enxerto de um texto sobre o outro são defensáveis.

18. WELLECK, p. 254.

Rejeitando, portanto, as teses positivistas de influências e de fontes, *de débito e de crédito*¹⁸ para o manuscrito e para qualquer texto literário, e aceitando a nova descrição do mundo sugerida, entre outros por Prigogine, reencontramos um virtual que fundamenta a autonomia do texto literário em relação a seus antecessores e que proclama a independência de nossas literaturas em relação às literaturas dos países do primeiro mundo.

19. CARONI, Ítalo. “La dette culturelle brésilienne n’existe pas. Voir Oswald de Andrade”. *Anais do X Congresso Nacional de Professores de Francês*. Florianópolis, 1991, p. 74.

20. WELLECK, *ibid.*, p. 197.

A originalidade desta comunicação não decorre deste grito de independência já lançando por outros, como Ítalo Caroni retomando Oswald de Andrade e negando nossa dívida cultural.¹⁹ Não decorre também não, dessa defasagem da literatura comparada demais submetida em geral ao dogma positivismo sublinhado por Wellek,²⁰ mas a este embasamento teórico vindo de uma descrição não-determinista do mundo que não rejeita as estruturas instáveis e a irreversibilidade e nos dá um novo modelo de inteligibilidade do qual podemos aproveitar em nossos estudos literários.

21. JENNY, Laurent. “La stratégie de la forme”. *Poétique*. Paris: Seuil, 1976. 27. p. 262.

22. PINHEIRO PASSOS, Gilberto. *A poética do legado*. (O intertexto francês em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. FFLCH-USP. 1988 (tese inédita)

Restaria ver como considerar os estudos comparativas que substituem esse corte epistemológico entre o antigo e o novo ao sustento positivista. Certos comparatistas não leram Prigogine e nem o esperaram para adotar uma atitude drástica e moderna na análise de seu texto, como o assinaléi no começo do texto. Wellek falava de hiato entre uma obra nascente e as obras anteriores, Laurent Jenny de um texto centralizador que mantém a liderança do sentido,²¹ o que é um avanço do ponto de vista teórico, mas não é ainda satisfatório. Gilberto Pinheiro Passos emite uma teoria do legado na sua tese de doutoramento,²² e merece uma atenção especial. O legado se diferencia ou melhor, anula a tradição literária que não age mais como uma força dominante que se impõe; o legado está simplesmente lá, à disposição do escritor que o utiliza como bem entender, como o herdeiro não se sentindo obrigado em manter casas e terrenos herdados, os vende se precisar e redistribui a fortuna dos pais como quer. Outros comparatistas, invocando a estética da recepção de Jauss, insistem no “horizonte de espera” dos escritores para explicar as contribuições da tradição literária. As duas leituras estão centradas no escritor, sem dúvida ancorado na tradição, mas que se distanciando, não se sente, de jeito nenhum, forçado por ela, a destrói ou a segmenta se necessário e a redispõe na sua escritura. Esta última posição da crítica comparatista não recorta a de Prigogine e de seus discípulos?

O que fará o comparatista ceifado do texto como origem,

texto-órfão de um passado-renegado, sem dívida em relação à literatura do colonizador ou à literatura universal?

Continuará comparando?, mas o que ?

Com certeza, procurará no seu texto as marcas da outra literatura ou a presença do Outro, mas uma vez as traças descobertas, ele não fará delas a razão ou a causa determinista da escritura estudada, mas discernirá os mecanismos de desintegração que desestabilizam o texto anterior e os de integração ao nível da narratologia, da ideologia, da sócio-crítica, etc. para discernir em seguida, a posição original da escritura estudada em relação à literatura anterior. Nisso, será muito próximo dos estudiosos da gênese que tentam descrever os processos de criação no manuscrito a partir dos acréscimos e das supressões, dos cadernos de viagens e de anotações e da correspondência. Os comparatistas tanto quanto os críticos da gênese considerarão seus textos como a região de Prigogine. Isto é, uma vez atravessada a fronteira, uma vez transposta os textos ou trechos de textos emprestados na folha branca do escritor, o autor relativiza a origem, a denega às vezes, perde a dimensão temporal inicial, para servir unicamente ao novo texto. Os exemplos analisados por Passos no artigo citado ilustram suficientemente este ponto de vista que seria a seguir e para o qual, reenvio os leitores.